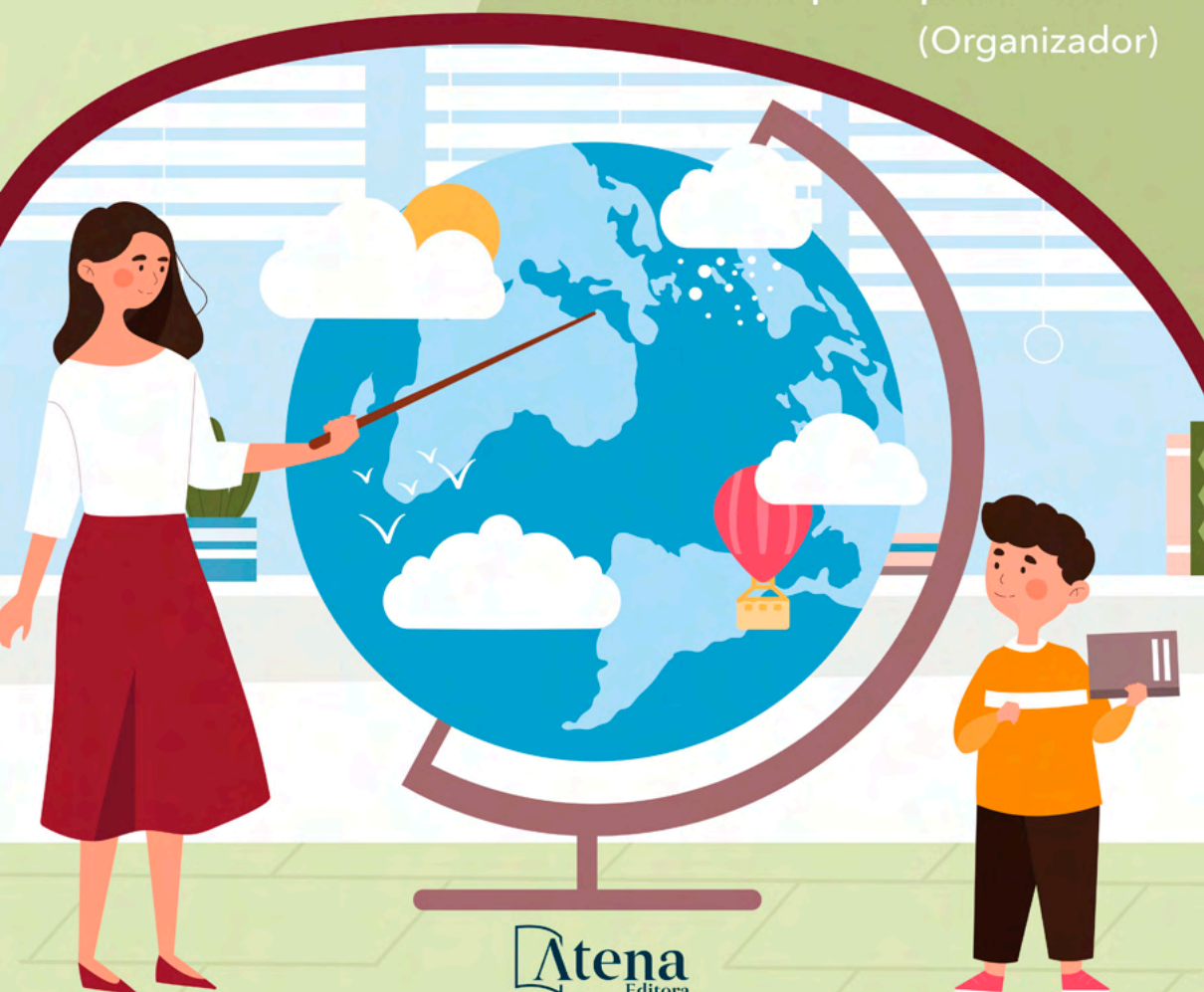


# GEOGRAFIA E ENSINO:

Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)



# GEOGRAFIA E ENSINO:

## Dimensões teóricas e práticas 2

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G345 Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas 2 /  
Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0278-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.787220106>

1. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo  
Henrique Cepolini (Organizador). II. Título.

CDD 910.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “**Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas - 2**” cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de dezenove capítulos de professores/as e pesquisadores/as oriundos/as de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento da Educação Básica no país em consonância com a formação inicial e continuada de professores. Por isso, reitera-se a oportunidade em debater a Geografia e suas múltiplas dimensões teóricas e práticas.








No decorrer dos capítulos as autoras e os autores apresentam leituras inerentes ao Ensino de Geografia, Metodologias e Currículo de Geografia, Educação Ambiental, Metodologias ativas e inclusão, Geotecnologias e ensino, Desenvolvimento econômico e social, Geografia da Saúde, Comércio ilegal na fronteira, Enchentes em áreas urbanas, Urbanização do Cerrado, Geoturismo e Mineração e seus impactos. Tais temas são essenciais para construção para uma Geografia que fomente à cidadania e transformação social e territorial.







Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão da ciência geográfica para derrubar barreiras e muros e construir pontes com o zelo e compromisso social com um presente-futuro para todas, todos e todes aqui e acolá.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira



## SUMÁRIO


<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DELGADO DE CARVALHO E THEREZINHA DE CASTRO: DA NECESSIDADE DA GEOPOLÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA (VERSÃO AMPLIADA)	
André Luiz de Carvalho	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201061">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201061</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
O ESPAÇO VIVIDO E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS HABILIDADES PRESENTES NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR- BNCC DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	
Fábio Ferreira de Lima	
Maria Ediney Ferreira da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201062">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201062</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>33</b>
A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO	
Cynthia Ellen Bonifácio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201063">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201063</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
O USO DAS METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES SURDOS NO ENSINO DE LIBRAS	
Tales Douglas Moreira Nogueira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201064">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201064</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
BREVES REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CURRÍCULO	
Cynthia Ellen Bonifácio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201065">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201065</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM GEOTECNOLOGIAS APLICADAS NO ENSINO TÉCNICO E TECNOLÓGICO DO AMAZONAS	
Marilene Alves da Silva	
Letícia Alves da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201066">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201066</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201067">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201067</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
A INFLUÊNCIA DA GRIPE ESPANHOLA E COVID-19 NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO RECIFENSE	
Marina Loureiro Medeiros Jessé Santos de Souza Junior Maria Vitória Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201068">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201068</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>96</b>
FATORES GEOGRÁFICOS INTERVENIENTES NA OCORRÊNCIA DA GASTROENTERITE NO MUNICÍPIO DE GUARAPUAVA, PR	
Alessandro Gonçalves Felipe Oliveira Zahaidak Carlos Alexandre de Paula Almeida	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201069">https://doi.org/10.22533/at.ed.7872201069</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
O COMÉRCIO ILEGAL DE CIGARROS NO SEGMENTO DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI SITUADO ENTRE OS DEPARTAMENTOS DE ALTO PARANÁ E CANINDEYÚ COM O OESTE DO PARANÁ: UMA ATIVIDADE ORGANIZADA EM REDES?	
Alan D. Schons Maristela Ferrari	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010610">https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010610</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>126</b>
O TRANSBORDAR DO CÓRREGO SEGREDO EM CAMPO GRANDE – MS: A PERCEPÇÃO DO PROBLEMA QUANDO SUAS ÁGUAS SE UNEM À CHUVA E CAUSAM ENCHENTES	
Rejane Alves Félix	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010611">https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010611</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>145</b>
SANTO ANTÔNIO DA PLATINA (PR): UMA ANÁLISE DOS POTENCIAIS GEOTURÍSTICOS	
Euzemar Florentino Junior Gilnei Machado	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010612">https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010612</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
REBATIMENTOS SOCIOESPACIAIS DA URBANIZAÇÃO DOS CERRADOS: BARREIRAS E LUÍS EDUARDO MAGALHÃES EM FOCO	
Elton Andrade dos Santos Agripino Souza Coelho Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010613">https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010613</a>	

**CAPÍTULO 14..... 167**

A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA DA FARINHA DE MANDIOCA NO MUNICÍPIO DE IRARÁ/BA UMA FERRAMENTA CAMPONESA - ANÁLISE E REFLEXÃO

Andreia silva de Alcantara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010614>

**CAPÍTULO 15..... 178**


ESTIMATIVA DO USO DE NPK NA CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR NAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS AGUAPEÍ E PEIXE- OESTE PAULISTA

Renata Pereira Prates

Bianca Carreira

Edmiler José Silva Degrande

Paulo Cesar Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010615>


**CAPÍTULO 16..... 190**

UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS PARA PREVISÃO DE DESLIZAMENTOS DE TERRA

Caio Saito Leopoldo e Silva

Oswaldo R. T. Hu

Sergio V. D. Pamboukian


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010616>

**CAPÍTULO 17..... 200**

CULTURA E RURALIDADE ARAGUAIA-TOCANTINA – ELEMENTOS PARA SE PENSAR A POSSE DA TERRA

Angel Marques Amador

Ronildo Guilherme Sales


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010617>

**CAPÍTULO 18..... 214**

MEGAMINERAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES GEOGRÁFICAS A PARTIR DO SEMIÁRIDO MINEIRO

Bruna França Oliveira

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010618>


**CAPÍTULO 19..... 234**

GÉNESIS Y EVOLUCIÓN TECTÓNICA DE LA CUENCA DE SALINAS GRANDES (PUNA SEPTENTRIONAL, ARGENTINA): INFERENCIAS A PARTIR DE LA ARQUITECTURA SÍSMICA, GEOLOGÍA Y GEOMORFOLOGÍA

María del Carmen Visich

David Afranllie

Josefina Ramírez Visich

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78722010619>

<b>SOBRE O ORGANIZADOR .....</b>	<b>248</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>249</b>

# CAPÍTULO 1

## DELGADO DE CARVALHO E THEREZINHA DE CASTRO: DA NECESSIDADE DA GEOPOLÍTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA (VERSÃO AMPLIADA)

*Data de aceite: 02/05/2022*

### **André Luiz de Carvalho**

Professor do Magistério Superior, curso de Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Aquidauana  
<https://orcid.org/0000-0001-5087-1849>  
<http://lattes.cnpq.br/6312927054924776>

**RESUMO:** O presente texto discute a importância dos nomes de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro na aproximação entre a geopolítica e a geografia escolar brasileira. A retomada da obra desses autores, principalmente os trabalhos que tiveram como objeto a valorização da discussão sobre geopolítica, possibilita a reflexão sobre o alcance da geopolítica nos dias atuais, devido ao aprofundamento dos conflitos entre Estados, do comércio internacional e nacional, das questões envolvendo o direito internacional e nacional, da distribuição dos recursos naturais, das questões climáticas, dentre outros. Esses e outros aspectos têm implicações diretas no cotidiano das pessoas. No transcorrer da pesquisa, verificou-se que as legislações concernentes à regulamentação da educação básica no Brasil, apontavam e ainda apontam de maneira tênue para a necessidade de aproximação entre a geografia escolar e a geopolítica. Os referenciais teóricos pesquisados, reforçaram a necessidade de discussão acerca dessa importante lacuna da geografia escolar brasileira em seu processo de contribuição para a formação do cidadão crítico, capacitado para intervir na realidade. O resultado alcançado pela presente discussão foi a

identificação da necessidade do desenvolvimento de estratégias que capacitem os professores de Geografia a trabalharem na direção de uma alfabetização geopolítica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de geografia, geopolítica, educação.

**ABSTRACT:** This text discusses the importance of the names of Delgado de Carvalho and Therezinha de Castro in bringing together geopolitics and Brazilian school geography. The resumption of the work of these authors, especially the works that had as their object the appreciation of the discussion on geopolitics, allows for reflection on the scope of geopolitics today, due to the deepening of conflicts between States, international and national trade, and issues involving international and national law, the distribution of natural resources, climate issues, among others. These and other aspects have direct implications for people's daily lives. In the course of the research, it was found that the legislation concerning the regulation of basic education in Brazil, pointed and still point in a tenuous way to the need for approximation between school geography and geopolitics. The researched theoretical references reinforced the need for discussion about this important gap in Brazilian school geography in its process of contribution to the formation of critical citizens, capable of intervening in reality. The result achieved by this discussion was the identification of the need to develop strategies that enable Geography teachers to work towards geopolitical literacy.

**KEYWORDS:** Teaching geography, geopolitics,

education.

## INTRODUÇÃO

O aprofundamento da crise do sistema capitalista e a impossibilidade de sua resolução face às suas inerentes contradições, a atuação das potências capitalistas capitaneadas pelo imperialismo norte americano e seus desdobramentos sobre diferentes países, principalmente os menos desenvolvidos (como o golpe de 2016, no Brasil), os problemas que se tornam preocupações para o planeta como um todo, como as questões ambientais, a intensificação do tráfico em suas diferentes modalidades (drogas, armas, pessoas, animais, espécies vegetais, etc.), a intensificação da repressão militar em diferentes países, concentrando-se, principalmente, nas cidades. São esses alguns exemplos de situações concretas que mostram que as questões geopolíticas estão mais diretamente presentes no cotidiano das pessoas.

O ensino de geografia, no Brasil, aborda algumas questões importantes relacionadas à geopolítica. No entanto, é necessário assinalar que a impossibilidade de resolução dos graves problemas que o mundo enfrenta, principalmente quando postos nos marcos do capitalismo, coloca a necessidade de ampliação da contribuição que o ensino de Geografia pode e deve oferecer.

É nesse contexto que se entende aqui que a retomada dos nomes de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro é importante não só pela produção intelectual e científica em si, mas principalmente pelo esforço de ambos no que respeita ao destaque dado às discussões de caráter geopolítico para o contexto da Geografia escolar. Sendo assim, dois aspectos foram aqui selecionados: a) as perspectivas que hodiernamente se abrem no que respeita à geopolítica e a necessidade de desenvolvimento de estratégias de sua abordagem na educação básica; b) o papel e impacto das legislações atinentes à educação básica em sua relação com a disciplina Geografia.

O texto inicia com essa Introdução vindo na sequência a Metodologia, Resultados e/ou Discussões e Considerações Finais. No item Resultados e/ou Discussões busca-se detalhar mais a presente discussão dividindo-a em duas partes: na primeira parte, são apresentados apontamentos da obra de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro, trazendo à baila a relação entre Geografia escolar e geopolítica desenvolvida por ambos e, além deles, autores que tanto discutiram a tríade Geografia Política - Geopolítica – Geografia Escolar, bem como autores não diretamente vinculados à ciência geográfica, mas que desenvolveram importantes estudos para a presente discussão; na segunda parte, serão feitos apontamentos a respeito das legislações atinentes à regulamentação da educação básica no Brasil, a partir da década de 1970, e chegando aos dias atuais, especificamente em seus aspectos relacionados à disciplina Geografia, em sua relação (tênue?) com a geopolítica.

A atual conjuntura mundial, marcada pelo aprofundamento da crise do capital e, por extensão, da aplicação de medidas que penalizam ainda mais a classe trabalhadora (“reformas” trabalhistas, por exemplo), ampliando a condição de miséria, no Brasil e no mundo, coloca a necessidade do entendimento desses processos que, em última instância, têm levado o país a uma crescente perda de soberania através de diferentes mecanismos, como a fuga de capitais, a entrega de empresas estratégicas para o desenvolvimento brasileiro, a relação de total submissão às estratégias estabelecidas pelos Estados Unidos, mesmo que isso represente enormes sacrifícios ao povo brasileiro, dentre outros.

Um importante pressuposto para a presente discussão é o fato de a educação ter sido transformada em mercadoria, através principalmente da ampliação do sistema privado de ensino em concomitância com a proposital degradação do ensino público, promovido tanto pelo Estado em suas diferentes instâncias, quanto por diferentes setores da sociedade brasileira, articulados com instâncias internacionais. Esse é um aspecto da inegável relação entre processos educacionais e processos sociais mais amplos (MÉSZÁROS, 2008). Assim se consubstanciou a ideia de um sistema educacional voltado praticamente ele todo para a “formação profissional”. E esse fato não seria um problema para a humanização do homem se também o trabalho, posto nos termos do capital, não fosse ele próprio uma atividade alienante. Daí a defesa de Mézárós de uma reaproximação entre educação e trabalho, contanto que ambos sejam concebidos e aplicados enquanto atividades em favor da emancipação do homem. Esse seria o caminho a obliterar o processo de alienação. E, nesse sentido, torna-se também necessário apontar que, inclusive, parte da academia no Brasil vem abraçando modelos vindos do exterior (em especial dos Estados Unidos), que também alimentam a crescente alienação da classe trabalhadora, sendo esse fato também um aspecto da discussão sobre geopolítica.

A necessária transformação que se contraponha à alienação desumanizadora promovida pelo capital requer a colocação da educação num plano no qual essa não seja entendida como um monopólio da escola e, sim, como um processo transformador da vida, já que ela acompanha a vida em praticamente toda a sua extensão. Portanto, o que se reivindica aqui é que a Geografia escolar entre com sua cota – e Delgado de Carvalho, juntamente com Therezinha de Castro mostraram um caminho, ainda que eivado de polêmicas - contribuindo efetivamente para a construção de uma educação humanizadora que, por extensão, entre na linha de combate ao capital, almejando a emancipação do ser humano.

## **METODOLOGIA**

A perspectiva crítica embasou a metodologia aqui adotada. Essa escolha exigiu a análise das contradições e conflitos postos nos diferentes aspectos aqui considerados, levando à conformação de uma pesquisa de caráter qualitativo. Procedeu-se à revisão

bibliográfica no sentido de selecionar obras que, para a presente discussão, embasassem melhor essa perspectiva crítica. Foi o caso da escolha das obras de Lacoste (2005) e Cavalcanti (2008), com obras relacionadas ao ensino de Geografia, Santos (2009) que discute a globalização, Lênin (2011) abarcando a questão do imperialismo, Graham (2016) abrindo novas perspectivas para a geografia urbana, Moniz Bandeira (2007, 2017), Mézáros (2008), dentre outros. Verificou-se a necessidade de abordagem das legislações atinentes à educação básica, escolhendo como ponto de partida a década de 1970 devido ao momento político do país, submetido a uma ditadura militar, levando a consequências diversas na educação básica, como a fusão entre as disciplinas Geografia e História. Ainda na mesma década, intensificou-se o movimento de renovação da ciência geográfica no Brasil, tendo como um marco o ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, no ano de 1978 que registrou tanto avanços, quanto retrocessos no que respeita ao uso das categorias de análise fundantes da ciência geográfica, como lugar, território e região, que têm relação direta com várias discussões de caráter geopolítico. A legislação mais recente, a BNCC, inclusive lança mão do termo geopolítica; no entanto, ao se observar os fundamentos aí presentes, justificando a presença desse termo, verifica-se que os argumentos aí utilizados são tênues, levando-se em conta as demandas hoje presentes relativas ao tema geopolítica.

A escolha da geopolítica enquanto tema aqui entendido como de fundamental importância para o ensino de Geografia, também está relacionada à perspectiva crítica, visto que se observa no atual recorte histórico uma crise sistêmica que aprofunda as contradições já expostas. Essa crise vem provocando diferentes reações: o imperialismo norte-americano que, no centro dessa crise, tenta manter sua posição hegemônica; a ascensão de outras potências ameaçando essa hegemonia, as consequências negativas sofridas pelos países menos desenvolvidos que, em vários casos, não conseguem sair da posição de submissão, comprometendo o seu processo de desenvolvimento, dentre outros.

Daí, portanto, o resgate dos nomes de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro que, em vários de seus trabalhos, apresentaram a preocupação na relação entre ensino de Geografia e geopolítica, discutindo os desdobramentos dessas questões para o país.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES**

As observações até aqui feitas apontam para a pertinência da presente discussão visto que, conforme diagnóstico feito, a geografia escolar no Brasil ainda necessita de avanços. Prova maior disso é que o estágio verificado há décadas ainda não foi totalmente superado. Sendo assim, a Geografia escolar ainda se encontra – ao menos em parte - presa à perspectiva mnemônica, que Delgado de Carvalho militou contra, além de ainda ser considerada uma disciplina enfadonha (LACOSTE, 2005, GIROTTO e SANTOS, 2011).

Iniciativas no sentido da melhoria da educação básica brasileira foram tomadas, embora algumas tenham ocorrido em épocas em que mesmo a educação básica era



elitista, como a relativa à criação do Colégio Pedro II.

A criação do Colégio Pedro II foi a iniciativa pioneira no sentido de estabelecer um padrão de ensino para a educação básica do Brasil de então e, dessa maneira, a disciplina Geografia fazia sua inauguração enquanto componente curricular dessa educação básica que começava a ser delineada ainda no Brasil imperial (PEREIRA *in* IBGE, 2009, p. 105).

Isto posto, destacam-se as importantes contribuições de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro na discussão sobre a relação entre ensino de Geografia (aqui implícita a discussão sobre Geografia Política) e geopolítica.

Delgado de Carvalho passou a interessar-se pela educação básica brasileira pouco tempo depois de sua vinda da Europa para o Brasil, ainda num período em que as transformações políticas – transição do Império para a República – provocavam agitações, afetando, inclusive, sua vida particular. Delgado nasceu na França devido ao fato de ser filho de diplomata brasileiro atuando neste país. Esse fato propiciou a Delgado de Carvalho tanto uma formação em instituições escolares que apresentavam níveis de ensino considerados de excelência, quanto o pleno domínio da língua francesa. Além disso, Delgado de Carvalho alimentava a vontade de conhecer e atuar profissionalmente no Brasil, fato que levou a uma ruptura irreconciliável em relação ao pai, um convicto monarquista que se desincompatibilizou do Brasil devido à proclamação da República, ocorrida em 1889.

Tendo desembarcado no Brasil, Rio de Janeiro, em 1906, Delgado de Carvalho trabalhou inicialmente em redações de jornais. Entre 1913 e 1916, atuou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Já no início dos anos 1920 torna-se conferencista nas Escolas da Intendência e do Estado Maior do Exército e, a partir da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, faz parte do Curso Livre Superior de Geografia (*Ibidem*, p. 106).

A produção intelectual de Delgado de Carvalho, tanto aquela voltada para o ensino de Geografia, quanto a que discute a relação entre Geografia Política e Geopolítica foi ganhando corpo com o passar do tempo, além de, nesse transcurso, testemunhar a aproximação com Therezinha de Castro, resultando daí diversos trabalhos assinados em conjunto.

Do ponto de vista da conotação dada ao “político” por Delgado de Carvalho, cabe assinalar que o mesmo apresentava a preocupação em constituir uma espécie de representação da pátria a partir de um estudo de caráter eminentemente geográfico que buscasse uma unidade nacional, a partir de seu território. Os traços característicos dessa “visão de patriotismo” estariam presentes em trabalhos como *Metodologia do ensino de Geografia* (1925) e *Geografia – ciência da natureza* (1927) (PEREIRA *in* IBGE, 2009, p. 107)

Paulatinamente, Delgado de Carvalho foi sequenciando trabalhos que apontavam, de maneira mais intensiva, para a aproximação entre o ensino de Geografia e as abordagens de Geografia Política, destacando-se aqui uma das mais importantes:

... *Introdução à Geografia Política*, (1929), é um opúsculo pouco conhecido destinado a servir de apresentação daquele campo da Geografia a futuras professoras do Distrito Federal. As partir das aulas ministradas no primeiro ano do Curso Normal, Delgado elabora uma síntese dos conceitos fundamentais que, em sua opinião, deveriam ser aplicados aos estudos das principais potências mundiais (*Ibidem*, p. 107)

Então, como pensar a prática escolar concebida por Delgado de Carvalho? As palavras abaixo parecem esclarecem o pensamento do autor, principalmente quando se destaca sua preocupação com a construção de uma Geografia científica:

Em geral, as orientações de Delgado de Carvalho no sentido apontado manifestam a preocupação de adequar o conteúdo ensinado à capacidade cognitiva do aluno, ajudando, ao mesmo tempo, a conformar um discurso unitário e coerente para uma disciplina escolar que, tendo abandonado seu caráter descritivo e enciclopédico, corria o risco de perder-se em digressões indesejáveis em outros domínios... (*Ibidem*, p. 108)

Conforme destacado acima, é possível encontrar na literatura geográfica, tanto visões que aproximam ou distanciam a Geografia Política e a Geopolítica. Num contexto em que, com o passar do tempo, o termo Geopolítica foi se tornando mais conhecido, autores subsequentes, importantes no Brasil, apresentaram em suas obras a marca e/ou influência de Delgado de Carvalho. Um desses autores é Mario Travassos, em cuja obra o conceito de região natural encontra-se presente. A produção intelectual de Travassos talvez esteja mais vinculada ao que hoje se denomina geopolítica. No entanto, se o transcorrer do tempo reservou a esse termo uma autonomia em relação à Geografia Política, as frequentes referências feitas a Ratzel, Vallaux, Bowman, dentre outros, atestam que a Geopolítica apresenta relação umbilical com aquela.

Do ponto de vista da análise aqui feita, a maior disseminação do termo Geopolítica acaba por ser uma ferramenta importante para a Geografia escolar, cabendo aos professores de Geografia e, por extensão, às instituições formadoras de professores de Geografia, o papel central na discussão e debate acerca das estratégias a serem utilizadas na otimização desse debate e, por extensão, na melhoria do ensino de Geografia.

E esse debate não poderia alcançar um nível aprimorado sem levar em conta a obra de Therezinha de Castro que, durante um tempo considerável, estabeleceu importante parceria com Delgado de Carvalho. Segundo algumas versões, teria sido Therezinha de Castro a grande motivadora de Delgado em seu interesse em relação à Geopolítica. De qualquer forma, é fundamental trazer à baila alguns aspectos da obra de Therezinha de Castro, analisando a sua relação com as várias possibilidades que essa influência apresenta no sentido de levar a cabo um projeto que possibilite o emprego mais intensivo desse termo na Geografia escolar.

Além do esforço em direção à Geografia escolar, observa-se que a influência de Therezinha de Castro, em sua produção conjunta com Delgado de Carvalho, marca a

etapa em que a Geopolítica aí concebida está em consonância com o aprofundamento das relações internacionais, fato que leva a outros patamares as discussões que ambos realizam tendo como pano de fundo as questões estratégicas.

Nesse sentido, o trabalho produzido pela dupla discutiu, dentre outros, as manifestações de conflitos internacionais associados ao contexto da Guerra Fria, além das reais possibilidades de inserção do Brasil nesse sistema bipolar que, de acordo com Delgado, deveria dar-se pela adesão ao bloco ocidental (PENHA *in* IBGE, 2009, p. 125).

Outro papel preponderante na atuação de Therezinha de Castro, junto a Delgado de Carvalho, foi na discussão e desenvolvimento da chamada “teoria da defrontação”. A partir dessa teoria, a autora reivindicava para o Brasil o direito de estabelecer bases científica na Antártica devido ao fato de seu vasto território estar ‘defronte’ ao continente gelado e dele sofrer várias influências, principalmente climáticas. A estratégia concebida se consubstanciaria numa atuação diplomática junto a países do Hemisfério Sul (especialmente da América do Sul) e, posteriormente, a resolução da “partilha da Antártica” a partir da Conferência Internacional de Geofísica, ocorrida no ano de 1957. (*Ibidem*, p. 126).

Somente em 1973 o governo brasileiro efetivou, após aprovação no Congresso, apoio deliberado a uma missão brasileira para a Antártica. Em 1975 o Brasil aderiu ao Tratado da Antártica. É também importante assinalar que, ainda nos anos 1950, período em que o Brasil começou a se inserir nas discussões relativas à Antártica, o governo argentino chegou a opor-se às intenções do Brasil, alegando soberania sobre áreas adjacentes ao “continente gelado” que serviriam como passagem para a chegada ao território reivindicado. (*Ibidem*, p. 128)

Therezinha de Castro teorizou também sobre o Atlântico Sul, aproximando essa linha de pensamento com importantes nomes da estratégia militar brasileira, como Golbery do Couto e Silva e Carlos de Meira Mattos. Importante observar que, no âmbito dessa linha de pensamento militar que remonta aos anos 1960, a doutrina apregoada era a da “contenção da ameaça comunista”, posta num contexto, o da Guerra Fria ou mundo bipolar.

No entanto, e já passadas três décadas do término do mundo bipolar, verifica-se no Brasil a prevalência de uma doutrina militar que apoia a manutenção da posição do país enquanto um “aliado preferencial” dos Estados Unidos.

Observa-se que, dentre as diferentes alternativas, tanto de Therezinha de Castro, quanto de Delgado de Carvalho escolheram aquela que se encaixava numa estrita visão binária, que se resumia à manutenção de fortes vínculos com o chamado Ocidente, inclusive não apresentando uma visão crítica (ao menos de maneira mais explícita) quanto aos desdobramentos em relação à soberania brasileira.

Cabe ressaltar então, que o quadro no qual as atuais questões geopolíticas se desdobram, é sensivelmente diferente daquele observado no contexto da Guerra Fria. E mesmo naquele contexto o Brasil poderia ter apresentado outra posição, que não necessariamente fosse essa de uma visão binária estrita.

No entanto, cabe destacar também que Therezinha de Castro chegou a apresentar óbices no que concerne à relação entre Brasil e Estados Unidos:

Ao contrário dos outros pensadores geopolíticos, as relações brasileiras com os Estados Unidos não são visualizadas como fundamentais, pois o comportamento do governo norte-americano a parti da década de 1970, debilitou os laços diplomáticos entre os dois países. Nesse aspecto, Castro [...] se refere à desconfiança do Presidente Carter com relação ao programa nuclear brasileiro e ao respaldo que a administração Reagan outorgou à Grã-Bretanha em detrimento da Argentina, na guerra das Malvinas. Segundo ela, estas e outras disputas com os Estados Unidos levaram o governo brasileiro a adotar uma política externa de “pragmatismo construtivo” que o afastou de uma inclinação estratégica pró norte-americana e aproximou-o de seus vizinhos sul-americanos (*Ibidem*, p. 132)

Essas observações de Therezinha de Castro por si só mostram a importância da discussão sobre geopolítica na sala de aula. As relações entre Brasil e Estados Unidos são repletas de capítulos em que a questão da soberania e do desenvolvimento foram extremamente prejudiciais para o lado brasileiro. Novamente pode-se recorrer a uma breve comparação em relação ao contexto descrito e analisado por Therezinha de Castro e a situação hodierna no Brasil. A conclusão a respeito da necessidade de um melhor desenvolvimento da discussão sobre geopolítica em sala de aula, tendo a Geografia como uma de suas principais protagonistas, fica evidenciada.

Outro aspecto a merecer críticas na visão de geopolítica de Therezinha de Castro e Delgado de Carvalho, diz respeito à restrição de boa parte dessas discussões aos círculos militares. Se havia a proposta de uma geografia escolar que encampasse debates sobre a Geopolítica, por um lado, houve também a sua restrição, principalmente no que respeita aos temas que poderiam ser considerados mais sensíveis. À Geografia escolar coube muito mais a discussão sobre um patriotismo que não deixava de ser importante, mas que, ao que parece, deveria minimamente estar acompanhada de uma discussão *aprofundada* acerca do povo brasileiro, em seu processo de formação e consolidação (ou não!), desembocando na nação brasileira.

No entanto, Therezinha de Castro recorre às características fisiográficas para tratar de “áreas geopolíticas neutras” que apresentariam “regionalismos sem cantonarismos”, apontando que tais características levariam ao *‘fenômeno da assimilação’* que caracterizou a colonização portuguesa, tornando o Brasil, no conjunto da América do Sul, *o país mais mestiço*” (CASTRO *in* IBGE, 2009, p. 365).

Voltando-se para as semelhanças e/ou diferenças envolvendo a Geografia Política e a Geopolítica, Delgado e Therezinha não fugiram ao debate. Discutindo a partir das ideias de alguns autores clássicos acerca do tema, como Ratzel, Mackinder e Haushofer, ambos escrevem:

E para meditarmos mais profundamente sobre a real diferença entre a geopolítica e a geografia política, nada melhor do que a comparação de

Richard Henning, da Universidade de Dusseldorf, que diz o seguinte: "A geografia política é um instantâneo fotográfico do momento temporal em circunstância especial determinada, enquanto a geopolítica, é a fita cinematográfica do mesmo processo geral" (CARVALHO e CASTRO *in* IBGE, 2009, p. 409)

Delgado e Therezinha entendiam que o Brasil apresentava uma importância geopolítica destacada em função do tamanho do seu território, trazendo, de antemão, a questão das fronteiras, mas que não parava por aí, havendo ainda a questão do povoamento, da colonização, dentre outros (*ibidem*, p. 410).

É importante ressaltar que as críticas à vasta produção intelectual de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro não podem diminuir a sua importância, tanto para a discussão sobre a Geopolítica, quanto para a questão sobre ensino de Geografia.

É a partir desse quadro que se torna necessário identificar nos trabalhos de diferentes autores, brasileiros ou não, a continuidade e o aprofundamento das questões geopolíticas. A reboque, a sua importância não só para as questões relativas ao Estado (brasileiro), como também para o cotidiano das pessoas.

E se o assunto é o Estado brasileiro, um dos temas presentes nos dias atuais, que já se apresentavam nas décadas de 1940 e 1950, era a fuga de capitais, cujo um dos principais combatentes que teve o Brasil foi Oswaldo Aranha:

... Era preciso evitar que capitais empregados no Brasil com concessões especiais e a longos prazos migrassem, sob a capa de lucros e dividendos. "Precisa o governo conhecer esses lucros" - insistia Aranha. Ele descobrira que as companhias americanas de petróleo exportavam para elas mesmas no Brasil, faturando a gasolina pelo *dobro do custo* nos Estados Unidos. "Fazem aí a venda com lucros sobre esse preço dobrado e exigem transferência para *os dois lucros*"... (MONIZ BANDEIRA, 2007, p. 344)

A questão energética, atualmente tão debatida no Brasil, é outro tema com enorme potencial para ser explorado em sala de aula a partir da perspectiva do que aqui se chama de alfabetização geopolítica. Nesse aspecto, a posição dos Estados Unidos foi sempre a de agir na ofensiva, afinal, a previsão do aumento do consumo de petróleo de 6 milhões de barris por dia até o ano de 2020 contrastava com uma produção de 1,5 milhão de barris diários (MONIZ BANDEIRA, 2010, p. 17). Entretanto, há aí um paradoxo: para Fiori (2018, p. 12), a estratégia de segurança nacional no governo Trump, teria apresentado um ponto de inflexão em que se reconheceria que os valores norte-americanos não poderiam ser considerados valores universais.

Outro aspecto importante a reverberar no cotidiano dos brasileiros é o chamado "efeito China", pois a potência asiática vem apresentando um nível de crescimento econômico expressivo a tal ponto que, na relação comercial com o Brasil, alcança a primeira colocação desbancando os Estados Unidos, a partir de ano de 2009 (DE CONTI e BLIKSTAD, 2017, p. 18). Cabe ressaltar que a BNCC faz menção à China; porém, em

função da complexidade alcançada faz-se necessária a discussão de estratégias para sua adequada abordagem em sala de aula.

Outro tema discutido mais recentemente é a questão da militarização das cidades, abrindo novas perspectivas de análise para a geografia urbana. A fórmula que mistura riscos presentes no cotidiano com questões geopolíticas traz apreensões:

... Riscos impensáveis associados a conflitos geopolíticos internacionais permeiam a tecnologia cotidiana. O conflito “assimétrico” pós-Guerra Fria transforma componentes de cultura material urbana em armas em potencial, capazes de causar mortes, destruição, caos ou colapso econômico (GRAHAM, 2016, p. 348)

Há outras tantas questões que podem e devem ser trabalhadas em sala de aula, muitas envolvendo diretamente o Brasil, como as lutas contra o aumento das tarifas de transporte público ocorridas em 2013 ou o golpe de 2016, mostram o quanto são necessárias as discussões acerca da relação entre geopolítica e o cotidiano das pessoas. Há uma dificuldade adicional, histórica no Brasil (e também no mundo): o poder que os meios de comunicação têm para influenciar a opinião pública. Enfim, a luta é pela continuidade ou não da concentração e centralização do capital (LÊNIN, 2011, p. 43).

Os dois casos citados a título de exemplos são elucidativos pois, no primeiro, a luta pelo passe livre ganhou adesão popular transformando-se em protestos anti-governo, num ano pré eleitoral. Já o segundo caso pode ser considerado uma continuidade do primeiro, visto que, com o resultado eleitoral de 2014, o clima político instalado no país (contando com a decisiva influência dos meios de comunicação) já era o prenúncio do que viria a acontecer. Além disso, o argumento utilizado para a deposição da então presidente Dilma Rousseff mostrou-se amplamente frágil.

Ainda a respeito dessas duas passagens da recente história política do Brasil é importante assinalar que, como corolário, foram adotadas “reformas” que eram anseios tanto do capital nacional, quanto do capital transnacional, “reformas” essas que continuam a ser implantadas no país.

No plano internacional, há, também, vários acontecimentos a serem listados; porém, para efeito de exposição nesse espaço, dois exemplos emblemáticos podem ser citados: a primavera árabe e as revoluções coloridas. Com relação ao primeiro, tratou-se de levantes populares, ocorridos em diferentes países no norte da África e Oriente Médio, com grande destaque dado ao *ciberativismo*. No entanto, se o *ciberativismo* ganhou grande destaque nos meios de comunicação (e seria necessário discutir quem estava por trás desse movimento), o mesmo não ocorreu com relação às reais intenções na deposição de lideranças como Saddam Hussein e Muammar al-Gaddafi, a despeito da postura de ambos frente a seus respectivos governos. Já com relação ao segundo, a versão russa foi a de que os Estados Unidos desenvolveram uma estratégia de balcanização, desestabilizando a periferia russa, sendo as revoluções coloridas um corolário desse movimento. “As

*revoluções coloridas*” podem ser vistas, assim, como uma espécie de efeito colateral dessa prática de longa data...” (LEIRNER, 2020, p. 170)<sup>1</sup>.

Quando se aborda a questão envolvendo a posição dos meios de comunicação em sua exposição dos fatos, necessário se faz lembrar também o papel desempenhado pelos mesmos na construção de narrativas que partem da estratégia de exposição de uma única versão, sendo raras as ocasiões em que o contraponto é apresentado, ou ainda que esse mesmo tenha o mesmo tempo de exposição que a versão que se quer fazer hegemônica. Exemplo disso é o tratamento dado à palavra democracia, tida como regime político melhor acabado, sem o questionamento quanto às várias nuances que, na prática, a mesma pode apresentar, ou se, nos dias atuais, ainda é possível o emprego da mesma. Exemplo desses aspectos é encontrado na própria realidade brasileira, em que o direito ao voto convive com uma das maiores concentrações de renda do planeta, levando ao questionamento se, nesses termos, o direito ao voto em si representa alguma garantia de democracia consolidada. E quando se procede a uma análise efetivamente profunda, nem mesmo os Estados Unidos, tido e havido como a situação melhor acabada em termos de democracia, escapa de severas críticas.

Portanto, necessário se faz explorar nas escolas o tema meios de comunicação e sua influência sobre a vida das pessoas, sendo, inclusive, uma tarefa coletiva da comunidade escolar.

Trazendo outros autores para a discussão da relação envolvendo ensino de Geografia e Geografia Política, dois apontamentos preliminares devem ser postos. Primeiro, o que diz respeito à hipotética distinção envolvendo Geografia Política e Geopolítica. COSTA (2008) entende que o termo “Geopolítica” implica num empobrecimento da discussão levada a cabo pela Geografia Política, principalmente a partir de seus clássicos, como Ratzel, Vallaux, Bowman, dentre outros. Por sua vez, LACOSTE (2005) entende que a Geopolítica também estaria a serviço da construção da vertente que passaria a ganhar mais corpo no âmbito da Geografia acadêmica, principalmente a partir dos anos 1970: a Geografia Crítica. Logo, o entendimento de Lacoste é que tanto a Geopolítica quanto a Geografia Política estariam preocupados com as questões relacionadas ao poder, nas suas mais diversas formas de manifestação.

É evidente que não se reivindica para a sala de aula da educação básica, discussões que apresentem um caráter estritamente teórico-metodológico. No entanto, reivindica-se que a formação do professor de Geografia encampe essa discussão para que esse profissional possa explorar de maneira mais adequada e criativa essa discussão junto aos seus alunos.

Um segundo aspecto a ser discutido é a relação e/ou distinção envolvendo patriotismo

---

<sup>1</sup> Importante destacar que esses apontamentos ocorreram no contexto do prazo de entrega deste trabalho para o evento ENANPEGE, portanto, antes do início das operações militares da Rússia contra a Ucrânia, no final de fevereiro de 2022.

e nacionalismo (presentes também na obra de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro). Na atual conjuntura vivenciada pelo Brasil (mas não somente pelo Brasil), essa discussão ganha relevo devido à divulgação de narrativas envolvendo o “patriotismo”. O mesmo valendo para o termo “nacionalismo”. Aqui, as análises vão desde a apresentação de uma visão maniqueísta em que o patriotismo é considerado o “lado bom”, enquanto que o nacionalismo é considerado o “lado mau”, até as análises que entendem o nacionalismo como uma visão que estaria associada tanto à “esquerda”, quanto à “direita” (jargões frequentemente empregados na política).

No que respeita à segunda parte dessa discussão, é necessário apontar e discutir, ainda que muito brevemente em função desse espaço, os desdobramentos a respeito da aplicação das legislações no campo da educação que foram se sucedendo, principalmente a partir dos anos 1970.

Conforme já apontado, a Geografia escolar no Brasil remonta ao ano de 1837 quando foi criado o Colégio Pedro II. No entanto, naquele período, essa disciplina apresentava o caráter estritamente mnemônico, além de, na prática, ser acessível apenas a uns poucos candidatos a comporem os quadros políticos e/ou diplomáticos do Brasil Império.

A partir de 1934, a Geografia escolar ganha um importante impulso com a institucionalização da Geografia, ou seja, a criação do primeiro curso superior atuando na formação de professores específicos nessa disciplina.

O salto dado em direção aos anos 1970 se deve a um contexto em específico, que foi a ascensão da ditadura militar, período em que, simultaneamente, houve avanço na ampliação do acesso à educação básica, ao mesmo tempo que registraram-se sucessivas quedas na qualidade desse nível de ensino. Paralelo a isso, foram surgindo várias instituições de ensino superior privadas, muitas delas oferecendo cursos de licenciaturas cuja qualidade era, na maioria das vezes, duvidosa.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 5692/1971, tornava obrigatório o ensino na faixa etária dos 7 aos 14 anos. No que concerne à Geografia escolar, o período que corresponde ao início da ditadura militar marca a fusão dessa disciplina com a História, dando origem aos Estudos Sociais, esvaziando sobremaneira ambas. Esse esvaziamento tinha como origem, obviamente, o próprio processo de formação dos professores dessa nova disciplina, já que a mesma se resumia a um “apanhado” de ambas.

Já os PCN’s – Parâmetros Curriculares Nacionais, tiveram o início de sua aprovação no ano de 1997. Uma das principais críticas aos PCN’s é que a sua elaboração não contou com uma participação mais democrática, principalmente da parte de professores e outros setores da sociedade. Os reflexos negativos dessa situação, do ponto de vista da Geografia escolar são mais ou menos óbvios: o potencial que essa disciplina apresenta foi restringido em função da intenção em se homogeneizar a sua abordagem num país com imenso território e realidades socioeconômicas muito diversificadas.

A LDB nº 9394/1996 substituiu a LDB nº 5692/1971, apresentando um escopo



ampliado em relação a seu antecedente: foram incorporados o ensino superior e a educação indígena, por exemplo. No que respeita à disciplina Geografia não houve alterações substanciais devido à manutenção dos fundamentos postos nos PCN's.

Já na BNCC – Base Nacional Comum Curricular a referência feita à Geopolítica aponta que:

Ao utilizar corretamente os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e aplicando procedimentos de pesquisa e análise das informações geográficas, os alunos podem reconhecer: a desigualdade no uso dos recursos naturais pela população mundial: *o impacto da distribuição territorial das disputas geopolíticas*; e a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos urbanos e rurais. Desse modo, a aprendizagem da Geografia favorece o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos raciais, com base em princípios éticos (respeito à diversidade e combate ao preconceito e à violência de qualquer natureza (BNCC, 2017, p. 357)

A crítica aqui feita é que o atual momento histórico apresenta as questões de caráter geopolítico de maneira mais complexa e, simultaneamente, muito mais presente no cotidiano das pessoas (embora, evidentemente, de maneira menos perceptível para a maioria das pessoas). Além disso, os prováveis impactos da BNCC na disciplina Geografia, no ensino médio, são ainda piores face à possibilidade concreta, inclusive já identificada em algumas escolas, de diminuição da quantidade de aulas para esse nível de ensino da educação básica.

A atual situação da Geopolítica requer, portanto, estratégias mais ambiciosas para a sua aplicação na educação básica, que deve ultrapassar em muito o que vem definido na proposta da BNCC. Para tal, será necessário tanto o aprimoramento na formação de professores de Geografia, quanto lutar pela reversão do quadro estabelecido pela BNCC para a disciplina Geografia, especialmente no ensino médio.

Consequentemente, cabe trazer apontamentos de algumas leituras que possibilitem identificar, ao menos em parte, a maior complexidade da Geopolítica nos dias atuais.

Alguns temas em Geopolítica são “antigos”; no entanto, se apresentam com nova roupagem no atual recorte. Exemplo disso é a relação dos Estados Unidos com a América Latina, principalmente em função da atual presença econômica da China, cuja estratégia se pauta muito na oferta de investimentos em troca, principalmente, de produtos primários. É importante assinalar que, nestes termos, a possibilidade de desenvolvimento econômico e tecnológico do Brasil, fica ainda muito restrita, já que se mantem a sua posição de país fornecedor de produtos primários, tendo como um dos principais desdobramentos a baixa geração de empregos no pequeno, médio e longo prazos.

O aporte teórico aqui elencado trata de diversos temas ligados à geopolítica, alguns dos quais incessantemente explorados pelos grandes meios de comunicação de maneira a “vender” uma narrativa que interessa exclusivamente a um grupo restrito de países e corporações. Além disso, deve-se levar em conta que a liderança mundial dos

Estados Unidos encontra resistência cada vez maior. Nesse sentido, caminha-se para o aporte teórico que, justamente, mostra essa nova realidade a justificar a necessidade de aprofundamento da discussão sobre geopolítica no ensino de Geografia.

As legislações atinentes à educação básica, aplicadas no Brasil, invariavelmente alimentam debates, seja pelo fato de não serem construídas com a participação dos diferentes sujeitos no processo educativo, seja por não contemplarem as diferentes realidades locais e regionais que um país como o Brasil apresenta

O desenvolvimento de oficinas visando a discussão de estratégias adaptadas à realidade da educação básica de cada região e/ou localidade, tem o potencial para contribuir na melhoria da qualidade desse nível de ensino e da própria disciplina Geografia, na formação do cidadão crítico que possa intervir na realidade que o circunda.

A perspectiva crítica embasou a metodologia aqui adotada. Essa escolha exigiu a análise acerca das contradições e conflitos postos nos diferentes aspectos aqui considerados. Procedeu-se à revisão bibliográfica no sentido de selecionar obras que, para a presente discussão, embasassem melhor essa perspectiva crítica. Foi o caso da escolha das obras de Lacoste (2005), Cavalcanti (2008), Lênin (2011), Santos (2009), dentre outros. Verificou-se a necessidade de abordagem das legislações atinentes à educação básica, escolhendo como ponto de partida a década de 1970 devido ao momento político do país, submetido a uma ditadura militar, que levou adiante a ideia de universalização da educação básica, porém, comprometendo a sua qualidade.

Ainda na mesma década, intensificou-se o movimento de renovação da ciência geográfica no Brasil, a partir do ENG - Encontro Nacional de Geógrafos, no ano de 1978 que registrou tanto avanços, quanto retrocessos no que respeita ao uso das categorias de análise fundantes da ciência geográfica, como lugar, território e região e paisagem, que têm relação direta com várias discussões de caráter geopolítico. E a legislação mais recente, a BNCC, aponta para um novo ciclo de desprestígio da Geografia escolar.

A escolha da geopolítica enquanto tema aqui entendido como de fundamental importância para o ensino de Geografia, também está relacionado à perspectiva crítica, visto que se observa no atual recorte histórico uma crise sistêmica que aprofunda as contradições já expostas. Essa crise vem provocando diferentes reações: o imperialismo norte-americano tentando manter sua posição hegemônica; a ascensão de outras potências ameaçando essa hegemonia, e o Brasil ainda preso à condição de mero fornecedor de produtos primários, tendo como consequência graves desdobramentos internos.

Daí, portanto, o resgate dos nomes de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro que, em vários de seus trabalhos, apresentaram a preocupação na relação entre ensino de Geografia e geopolítica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia, no Brasil, ainda apresenta vários problemas, alguns antigos, outros que surgiram em períodos mais recentes.

No que respeita ao foco da presente discussão, a importância numa abordagem mais aprofundada da Geopolítica no ensino de Geografia, os problemas também encontram-se tanto no passado quanto no presente.

As recentes experiências políticas vivenciadas no Brasil, como aquela ocorrida no ano de 2014 para cá, mostram a urgência dessa abordagem.

No entanto, é sabido que essa luta é difícil, como toda luta em prol da melhoria da educação no Brasil. Para tal, o professor precisa se mover com clareza na sua prática (FREIRE, 1996, p. 27).

Portanto, essa luta não se restringe somente às discussões acadêmicas; ela deve ir muito além. E o Brasil vive um momento em que o resgate das utopias deve vir acompanhado da consciência da dificuldade da luta a ser travada.

No âmbito do ensino de Geografia, o aprofundamento da discussão sobre Geopolítica deve ser entendido como um tema fundamental na contribuição para a formação de um cidadão crítico, efetivamente capaz de intervir na realidade. E essa é uma contribuição que também pode vir a partir de uma alfabetização geopolítica.

## REFERÊNCIAS

BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BNCC – Base Nacional Comum Curricular, MEC, Brasília, 2017.

CAVALCANTI, Lana de Souza Geografia, escola e construção do conhecimento 11<sup>a</sup> ed., Campinas, Papirus, 2008.

COSTA, Wanderley Messias da Geografia política e geopolítica discursos sobre o território e o poder, 2<sup>a</sup> ed., São Paulo, EDUSP, 2008.

DE CONTI, Bruno BLIKSTAD, Nicholas Impactos da economia chinesa sobre a brasileira no início do século XXI: o que querem o que sejamos e o que queremos ser *in* Texto para discussão, Instituto de Economia, UNICAMP, 2017.

FIORI, José Luiz da Costa Geopolítica internacional: a nova estratégia imperial dos Estados Unidos disponível em <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe3/0103-1104-sdeb-42-spe03-0010.pdf> , 2018, acesso em 15/03/2021.

FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa, 25<sup>a</sup> ed., São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GIROTTI, Eduardo Donizete SANTOS, David Augusto A Geopolítica e o ensino de Geografia: estratégias didáticas para a retomada do diálogo disponível em <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/7351/4390> , acesso em 24/05/2021.

GRAHAM, Stephen Cidades sitiadas – o novo urbanismo militar, trad. Aline Azuma, São Paulo, Boitempo, 2016

IBGE. Geografia e geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Coleção Memória Institucional 16.

LACOSTE, Yves A Geografia isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra, 10ª ed., Campinas, Papirus, 2005.

LEIRNER, Piero C. O Brasil no espectro de uma guerra híbrida – militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica, São Paulo, Alameda, 2020.

LÊNIN, V. I. O imperialismo: etapa superior do capitalismo, apresentação Plínio de A. Sampaio Jr, Campinas, FE/UNICAMP, 2011.

MÉSZÁROS, Istvan A educação para além do capital, 2ª ed., São Paulo, Boitempo, 2008.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto Presença dos Estados Unidos no Brasil Civilização Brasileira Rio de Janeiro 2007.

---

Geopolítica e política exterior Estados Unidos, Brasil e América do Sul, 2ª ed., Brasília, FUNAG, 2010.

SANTOS, Milton Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal, 18ª ed., Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação antrópica 36, 126, 130

Apropriação 24, 26, 27, 120, 178, 183, 186, 187, 188, 189, 205, 215, 218, 219, 220, 233

### B

Baixada Fluminense 69

Barreiras 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 203

Biogeografia 28, 96

BNCC 4, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 23, 24, 29, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 52, 54, 55, 56, 58

Brasil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 23, 24, 27, 28, 30, 31, 32, 42, 43, 44, 50, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 76, 77, 83, 86, 89, 90, 92, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 128, 144, 146, 147, 148, 153, 156, 159, 166, 168, 169, 170, 176, 177, 189, 190, 199, 200, 206, 207, 208, 212, 213, 214, 215, 219, 222, 226, 229, 231, 232, 233, 248

### C

Campesinato 167, 169, 170, 171, 174, 175, 210, 212, 213, 216

Canindeyú 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Categoria geográfica 33, 35

Cerrados 27, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 165, 166

Cigarro 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120

Covid-19 65, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95

Currículo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

### D

Departamentos Alto Paraná 109, 110, 113, 114

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 7, 8, 13, 14, 17, 18, 23, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 66, 68, 69, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 92, 98, 100, 103, 107, 125, 146, 147, 148, 153, 154, 158, 167, 168, 170, 171, 175, 177, 182, 185, 188, 189, 203, 204, 205, 206, 208, 211, 214, 215, 222, 224, 225, 229, 231, 232, 233

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 68, 71, 75, 79, 82, 84, 85, 98, 103, 152, 158, 191, 199, 212, 248

Educação ambiental 17, 18, 19, 21, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 68, 82, 152

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 191, 248

Ensino de geografia 1, 2, 17, 35, 68, 248

Ensino técnico 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67

Epidemiologia 96, 99, 107

## **F**

Fertilizantes 160, 178, 179, 180, 187, 188, 189

Formação de professores 12, 13, 30, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 59, 61, 64, 67

Fronteira Brasil-Paraguai 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 123

## **G**

Geoconservação 145, 146, 147, 150, 153

Geopolítica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 124

Geoprocessamento 68, 190

Geotecnologias 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 190, 191

Geoturismo 145, 146, 147, 148, 150, 153

Gripe espanhola 87, 88, 90, 91, 93, 95

## **I**

Impactos 13, 15, 25, 27, 28, 49, 52, 53, 57, 85, 87, 88, 90, 106, 127, 143, 164, 165, 179, 182, 188, 192, 201, 214, 215, 216, 217, 218, 220, 223, 225, 230, 231, 232

Indicação geográfica 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177

## **L**

Libras 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50

Lugar 4, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 29, 33, 35, 36, 37, 38, 43, 56, 70, 71, 75, 76, 79, 80, 81, 98, 113, 127, 174, 203, 204, 205, 236, 239, 240, 244

Luís Eduardo Magalhães 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

## **M**

Megamineração 214, 232

Meio ambiente 18, 21, 24, 26, 32, 37, 38, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 103, 107, 126, 131, 144, 179, 182, 188, 191, 199, 203, 215, 225, 229, 230, 232

Metodologias ativas 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51

Município 35, 54, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 116, 126, 128, 129, 131, 133, 134, 142, 145, 146, 147, 148, 149, 150,

151, 152, 153, 160, 161, 162, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 175, 203, 207, 212, 214, 220, 226

## **N**

Norte de Minas 214, 220, 222, 228, 229, 231, 232

## **O**

Oeste do Paraná 109, 110, 111, 113, 115

## **P**

Paisagem 14, 33, 35, 36, 37, 55, 56, 65, 132, 141, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 164, 220

Paraná 98, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 124, 128, 145, 148, 149, 153, 159, 173, 174, 180

Pensamento geográfico 33, 34, 38

Pluviosidade 126, 131, 136

Prevenção de desastres naturais 190

## **R**

Recife 87, 88, 89, 91, 93, 95

Recursos hídricos 26, 27, 134, 178, 180, 188, 189

Redes ilegais 109, 113, 116, 120, 122

Reestruturação produtiva 154, 155, 156, 157, 160, 165, 177

Resistência camponesa 167

## **S**

Saneamento ambiental 96, 106

## **T**

TDIC'S 45

Tecnológico 13, 26, 27, 46, 53, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 237

Território 4, 5, 7, 9, 12, 14, 15, 27, 36, 52, 53, 56, 69, 77, 82, 86, 102, 112, 118, 124, 125, 128, 129, 146, 157, 158, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 183, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 213, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 229, 230, 231, 232, 233, 248

Transformação espacial 87, 89

## **U**

Urbanização 28, 90, 98, 103, 127, 130, 141, 148, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 165, 166

# GEOGRAFIA E ENSINO:

## Dimensões teóricas e práticas 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



 **Atena**  
Editora  
Ano 2022




# GEOGRAFIA E ENSINO:

## Dimensões teóricas e práticas 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

